



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura dos decretos de inclusão do trabalhador nos conselhos do Sesi, Senai, Sesc e Senac

Salão de eventos da CNI, 16 de março de 2006

Eu queria cumprimentar o Armando Monteiro,

O Antônio Oliveira,

O Meneguelli,

Minha esposa Marisa,

Fernando Haddad,

O Marinho,

O Paulinho,

O Alemãozinho – permita-me chamar de Alemãozinho, ou quer que eu fale Enilson Simões de Moura, presidente da Social Democracia Sindical?

Antônio Carlos dos Reis Salim, presidente da Central Geral dos Trabalhadores,

O nosso companheiro Antônio Neto, presidente da Confederação-Geral dos Trabalhadores,

Olha, eu penso que não é necessário discurso. Eu acho que cada companheiro que disse aqui sintetizou corretamente o que nós estamos vivendo nesta noite. Obviamente que sempre há espaço para a gente querer mais, isso faz parte da vida humana; há sempre espaço para a gente querer avançar um pouco mais, há sempre espaço para a gente querer ganhar um pouco mais, há sempre espaço para tudo um pouco mais. Mas, a verdade é que mesmo que a gente tenha a vontade de fazer uma grande caminhada, ela começa sempre pelo primeiro passo.

E o que nós estamos dando, aqui, não é um primeiro passo, é um pulo



extraordinário, como aquele que o João do Pulo deu nas Olimpíadas que ganhou medalha de ouro. Não é um pequeno passo, é um avanço extraordinário.

Eu há muitos e muitos anos vivi no movimento sindical. E durante muitos e muitos anos eu imaginei que era impossível viver o momento que nós estamos vivendo, porque vivi momentos em que companheiros de todas as tendências ideológicas – dentro do Congresso Nacional, mesmo na Constituinte, reivindicavam o fim dos “S”. A pretexto de que tinha corrupção, era preciso acabar. E a pretexto desse discurso, nós acabamos com muita coisa no Brasil, nós acabamos com o IBC, com o Basa, com a Sudene, com o Instituto do Alcool, que hoje todo mundo está percebendo que precisa ter uma certa regulação, com o BNH, e fomos acabando com tudo sem colocar nada no lugar. E como eu devo parte do que eu sou ao curso que eu fiz no Senai, porque foi dali que eu pude entrar numa empresa maior, ganhar um salário melhor, eu nunca concordei, mesmo com os meus companheiros quando diziam: precisamos acabar com o Sistema S.

O que vocês estão fazendo, hoje, aqui? Vocês estão dizendo: nós não precisamos destruir o que está feito. Nós precisamos consertar, aprimorar, restaurar, aperfeiçoar, dar uma cara nova, com gente nova, com representação mais democrática, para que a gente possa construir, participando lá dentro daquilo que, muitas vezes, do lado de fora, nós achamos que deveria ser feito. Não serão poucos, serão aproximadamente 300 dirigentes sindicais que estão por este país afora, em algum momento, em algum lugar, em alguma cidade, tentando aperfeiçoar, divergindo, concordando. Porque muitas vezes a aprovação de uma coisa não se dá pela simples maioria, a questão política não é numérica, é questão da relação humana, é o estabelecimento da confiança entre os seres humanos. Todos nós, muitas vezes, não percebemos que nós temos uma química. E, às vezes, nos entendemos por um olhar, por uma conversa, por um aperto de mão, por um gesto. E muitas vezes são esses



gestos, esses apertos de mão, essa franqueza na conversa, que permite que a gente possa construir os “S” do jeito mais extraordinário que a gente quiser, partindo de um patamar muito bom para um patamar muito melhor.

Daqui a dez anos, ou quinze anos, haverá outros jovens no nosso lugar aqui – veja o meu otimismo – se queixando do que nós fizemos, achando que o Decreto não foi tão importante e dizendo que os sindicalistas que participaram poderiam ter feito muito mais. Nunca ninguém vai vir aqui dizer: “os sindicalistas que estiveram, fizeram tudo que era preciso ser feito”. Isso não é permitido pela natureza humana. Sempre alguém vai dizer.

Como na minha vida tudo o que conquistei foi passinho por passinho, sofrendo muitas derrotas antes de conquistar, eu posso dizer para vocês que há uma conquista extraordinária. Muitas vezes a gente esquece da vitória do nosso time por 1X0, para ficar comentando a vitória do time adversário, de 4X0. Vamos olhar o passo que nós demos. E só foi possível porque houve uma evolução democrática neste país, houve uma evolução do lado dos trabalhadores, sim, e houve uma evolução do lado dos empregadores, sim. Nós sabemos, muitas vezes, que estamos de lados diferentes, pensando contrariamente em muitas coisas, mas nós sabemos que precisamos um do outro para sobreviver, é como se fosse unha e carne. Precisamos e o que estamos fazendo? Aparando a unha, deixando ela bem feitinha, cortadinha, rente à carne para passar a conviver com muita tranquilidade.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que daqui a poucos dias, a gente vai estar reunido, e já vai ter tido avanço substancial nesta relação. E também a relação que nós fizemos, com o acordo feito com o Ministério da Educação. É importante que o Sistema S aproveite, na medida em que vai formar profissionalmente alguém, possa também permitir que ele tenha acesso à escolaridade que não teve para que possa sair melhor formado e melhor informado. Formado profissionalmente e informado do ponto de vista cultural, político e eu acho que isso foi um passo extraordinário.



Eu quero dizer para vocês que já vim nesta Casa, possivelmente, mais do que a média dos últimos 30 presidentes que passaram por este país afora. Quero dizer para vocês que já fui, também, na Sede do Antônio muitas vezes. E por quê? Porque desde o começo que nós trabalhamos em parceria. Desde o começo. Nunca nos recusamos a conversar. Nunca, mesmo quando for para a gente discordar. Essa é a grande lógica da construção democrática que nós queremos fazer para o nosso país. Essa é a grande lógica. Sabe uma coisa, Paulinho, que nós estamos acabando? Alemão, Juruna, uma coisa que nós estamos acabando – e o Armando é mais testemunha porque é deputado e porque é presidente da CNI, porque a gente conversa mais... Neste país ainda se fala que a gente gasta dinheiro quando a gente investe no ser humano, quando a gente investe nas pessoas, quando a gente faz política social. Nós queremos mudar, nós queremos tratar... o investimento é feito quando a gente financia um grande empreendimento empresarial que vai gerar empregos, é um grande investimento. Mas investimento, também, é quando a gente diz que vai aumentar o salário mínimo para um pouco mais do que ele é.

Eu, um dia desses, em uma reunião ministerial proibi de utilizar a palavra gasto para educação. Não é possível que um ser humano diga: “eu vou gastar tanto em educação”. Você não vai gastar, você vai investir, porque todos nós, quando queremos colocar o nosso filho na escola, nós não falamos gasto. Estamos investindo em nosso filho, porque nós queremos ele bem formado, nós queremos que ele ganhe mais do que nós, tenha uma profissão melhor do que a nossa, seja mais bem-sucedido do que nós. O que vocês estão fazendo hoje, é dizendo para a geração que virá depois... O legado que vocês estão deixando hoje é dizendo o seguinte: “nós abrimos uma porta. Escancaramos a nossa casa. Por favor, ajudem a arrumá-la, a mantê-la limpa, a fazê-la como se fosse um coração de mãe, porque destruir é mais fácil, construir é sempre mais difícil.

Por isso, eu queria terminar dizendo que feliz do país que tem sindicato



de trabalhadores e sindicato de empresários dispostos a atravessar a fronteira do corporativismo e pensar um pouco em um país para todos.

Muito obrigado e boa sorte.